

# APRESENTAÇÃO

## DOSSIÊ: FAZER SEMIÓTICO COMO FAZER POLÍTICO

**PROF. DR. ALEXANDRE MARCELO BUENO\***

**PROFA. DRA. LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA\*\***

O presente dossiê se propõe a ser um espaço de reflexão sobre o engajamento da semiótica discursiva com os debates sociais, culturais e históricos do Brasil contemporâneo. Trata-se de uma proposta que parte de uma compreensão renovada da atividade científica: não como um exercício neutro ou desinteressado, mas como um fazer situado e implicado — que se inscreve no campo das forças e dos valores que estruturam o mundo social, enquanto mundo da significação. O fazer semiótico, nessa perspectiva, é também um fazer político, porque toda escolha de objeto, todo recorte metodológico e toda forma de analisar os discursos é, inevitavelmente, uma tomada de posição diante das relações de poder que produzem sentido.

Como já observou Ferdinand de Saussure (1975, p. 15), “é o ponto de vista que define o objeto”: em outras palavras, não há análise sem uma perspectiva, e não há perspectiva sem um horizonte ético e político que a oriente. A partir desse entendimento, a semiótica se revela não apenas como uma teoria da significação, mas como uma forma de interrogar criticamente os modos pelos

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: alexandre.bueno@mackenzie.br.

\*\* Professora associada da Universidade Federal do Norte do Tocantins, *campus* Araguaína, no Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT). Atualmente, é coordenadora adjunta dos programas profissionais na Área de Linguística e Literatura (Capes). *E-mail*: luiza.silva@ufnt.edu.br

quais os discursos constroem (e impõem) realidades, naturalizam desigualdades e legitimam posições de poder. O gesto interpretativo do semioticista, portanto, é também um gesto de resistência, de desnaturalização e de reposicionamento no campo dos sentidos que está aberto e em disputa.

Essa concepção de um fazer semiótico implicado — expressão inspirada na reflexão de Landowski (2001) e retomada por Schwartzmann e Silva (2022) — remete à necessidade de repensar e questionar constantemente o lugar do analista diante do mundo que ele interpreta. Ora, se o discurso é sempre um campo de tensões e de negociações, o pesquisador que o estuda participa, de algum modo, dessas mesmas disputas, tornando-se um sujeito que também produz sentido em suas pesquisas. O desafio da semiótica contemporânea, como apontam diversos trabalhos brasileiros, é justamente o de assumir essa implicação, compreendendo que o trabalho teórico é, ele próprio, uma forma de intervenção nos âmbitos simbólico, social e político.

Dessa forma, o dossiê acolhe trabalhos que tematizam diretamente essa articulação entre o fazer teórico e o fazer político, entre a reflexão analítica e a prática de análise crítica dos discursos que circulam na esfera pública. Contudo, é preciso ressaltar que essa não é uma empreitada inédita: a semiótica brasileira tem longa tradição nesse tipo de engajamento, desde os estudos pioneiros sobre os discursos da ditadura militar (Fiorin, 1988), passando pelas análises sobre intolerância (Barros, 2016), racismo (Schwartzmann, 2022; Bueno, 2022), *fake news* (Barros, 2000), populismo (Demuru, 2023; Fulaneti, 2024) e outros temas em que a teoria se vê convocada a pensar as condições da produção de sentido em contextos de crise, polarização e conflito.

Os trabalhos reunidos neste volume dos *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* dão continuidade a essa tradição crítica, demonstrando que a semiótica praticada no Brasil não é apenas uma teoria importada da Europa. Ao se estabelecer em terras brasileiras, a teoria passa a responder — por meio de prática interpretativa voltada à transformação do olhar sobre o mundo — às demandas de nossa coletividade. É, dessa forma, uma semiótica que se deixa afetar pelo seu tempo e que se reconhece como participante dos debates contemporâneos; uma semiótica que se envolve com os discursos passionais, políticos, sociais e culturais que nos atravessam cotidianamente.

Assim, os artigos aqui apresentados respondem ao chamado para uma semiótica que não se pretende distante, neutra ou impassível, mas que se assume como prática crítica e comprometida. Cada um deles testemunha o

potencial da análise semiótica para compreender e desestabilizar as narrativas hegemônicas, revelando os modos pelos quais o discurso organiza as sensibilidades coletivas, as crenças e as relações de poder que sustentam a vida social. A seguir, passamos para os artigos que compõem este dossiê e que ilustram essa postura engajada.

O primeiro artigo “A tonicidade da frieza na sociedade de emoções transparentes”, de Júlio César Rigoni Filho e Kati Caetano (Universidade Tuiuti do Paraná), examina o valor passional da frieza nas relações contemporâneas. O texto reflete sobre como aquela, enquanto uma paixão social, atua como uma estratégia de manipulação e de separação em uma sociedade hiperexposta às emoções. Os autores constroem uma reflexão semiótica sobre as formas de vida que emergem da saturação afetiva e midiática, trazendo à luz a dimensão política da sensibilidade e a maneira como a frieza se torna, paradoxalmente, uma resposta emocional à transparência excessiva que o mundo digital impõe nos dias atuais.

Na sequência, Leonardo Chaves Ferreira e Paulo Ricardo Sousa de Oliveira (Universidade Federal do Ceará) apresentam “Entre efeitos de identidade e valores de exclusão: a construção do *ethos* em textos desinformativos”, no qual, a partir da semiótica discursiva, analisam o modo como o *ethos* do enunciador é construído em textos de desinformação e como essa construção se articula à intencionalidade persuasiva de exclusão e manipulação do enunciatório. O estudo demonstra que a eficácia das *fake news* não depende apenas da falsidade dos conteúdos, mas da adesão passional a um *ethos* identitário que reproduz valores de intolerância e de fechamento discursivo em relação ao outro.

Com o artigo “O que ficou na memória coletiva da Guerrilha do Araguaia: olhar semiótico sobre a lenda urbana da passagem de Che Guevara por Imperatriz/MA | Che vive na memória coletiva”, Kayla Pachêco (Universidade Federal do Norte do Tocantins) propõe uma leitura semiótica da memória coletiva e da resistência. A autora investiga como a figura mítica de Che Guevara é reescrita na memória social brasileira por meio de uma lenda urbana, explorando a articulação entre história e ficção. O texto revela como a discursivização da memória refaz os sentidos da luta política e dos afetos ligados ao passado autoritário brasileiro, ao mesmo tempo que preserva a resistência do ator discursivo em questão.

O trabalho “A consciência dual e o sujeito negro em uma sociedade racista: muito observado, muito observador”, de Eduardo Prachedes Queiroz

(Universidade de São Paulo), inscreve-se de maneira marcada na tradição da semiótica implicada, ao retomar a reflexão de Du Bois (1903), Fanon (1952) e Aldama (2023) sobre a experiência da negritude. O autor discute a gestão simbólica e passional que o sujeito negro precisa realizar em uma sociedade estruturada pela desigualdade racial, evidenciando os efeitos de sentido gerados por simulacros que o olhar social projeta sobre o corpo negro. Tem-se, com o texto, um estudo exemplar de como a semiótica pode dialogar com as teorias pós-coloniais e raciais para compreender as tensões entre identidade, alteridade e visibilidade, sem perder, paralelamente, sua especificidade metodológica e seus pressupostos epistemológicos.

Em “Uma análise semiótica do episódio ‘As Torturas’, da série *O Caso Evandro*”, Luíza Martins dos Santos (Universidade Federal de Minas Gerais) examina os efeitos de sentido e as projeções de pessoa e tempo na narrativa audiovisual. A autora analisa como as alegações de tortura reconfiguram a percepção pública sobre os acusados, discutindo a construção discursiva do *true crime* como gênero que combina emoção, crítica social e denúncia. O artigo destaca a potência política das narrativas audiovisuais na reescrita das memórias e na problematização das instituições que legitimam a verdade, questionando, por meio da semiótica discursiva, seu estatuto.

O texto “Vozes que não se calam: análise semiótica de depoimentos de docentes e estudantes sobre as reformas no Ensino Médio no contexto do Tocantins”, de Ellyzandreia Alves de Sousa (Universidade Federal do Norte do Tocantins), examina os discursos de professores e estudantes diante das reformas educacionais recentes. A autora analisa os modos de enunciação e as estratégias discursivas que revelam resistência, indignação e desejo de transformação, reafirmando a importância do espaço escolar como lugar de disputa simbólica e de construção política da voz coletiva.

Encerrando o dossiê, o artigo “Um imperativo semiótico pela popularização da ciência”, de Andrey Istvan Mendes de Carvalho (UFRJ), propõe a análise entre o conhecimento científico e as tradições culturais. Recorrendo à semiótica tensiva — em particular aos operadores de triagem e mistura —, o autor indica um caminho dialético de afastamento do discurso científico em relação ao senso comum para, em seguida, ser reincorporado como saber difundido na sociedade. Desse modo, é possível ao texto diferenciar discursos que parecem ser científicos (isto é, pseudociência e paraciência) daquele que efetivamente o é, sugerindo o caminho da divulgação científica como um modo

de combater a difusão de conhecimentos que possam prejudicar o funcionamento da sociedade.

Os textos aqui reunidos constituem um testemunho vigoroso da vitalidade e da relevância social da semiótica praticada no Brasil. São trabalhos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores em formação — mestres e doutorandos — que reafirmam a potência da nova geração de semioticistas, herdeira de uma tradição teórica sólida e, ao mesmo tempo, consciente das questões urgentes e das contradições de nosso momento histórico. Essa mesma nova geração demonstra que o fazer semiótico, longe de se restringir a um exercício formal ou descritivo, é também uma prática de leitura crítica do mundo, uma forma de produzir conhecimento situada, sensível e comprometida com as lutas simbólicas que definem a vida coletiva.

O que se observa nos artigos reunidos é a continuidade — e a inovação — de uma linhagem de pensamento que, desde os trabalhos de José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros e de outros expoentes da semiótica brasileira, insiste na ideia de que não há discurso inocente, neutro ou imparcial. Toda construção de sentido participa de uma dinâmica que organiza valores, afetos e relações de poder. Identificar isso é reconhecer que o gesto analítico do semioticista também é um gesto político, na medida em que desvela os mecanismos pelos quais os discursos validam modos de ver, sentir e agir no mundo.

A força desta edição está justamente em tornar visível esta implicação: a de que compreender os discursos é também intervir neles. Cada artigo, a seu modo, mostra como a análise semiótica pode iluminar zonas de opacidade — sejam elas as manipulações passionais das *fake news*, os efeitos de exclusão racial, os mecanismos de resistência inscritos na memória coletiva ou as tensões políticas que atravessam as práticas educacionais contemporâneas. Em todos esses casos, o fazer teórico revela-se inseparável de um gesto ético: o de dar visibilidade a vozes, experiências e afetos que, muitas vezes, permanecem marginalizados ou são frequentemente silenciados.

Nessa direção, o dossiê “Fazer semiótico como fazer político” propõe-se não apenas como uma coletânea de estudos, mas como um gesto coletivo de afirmação: a semiótica, quando praticada de forma implicada, é capaz de dialogar com o presente e de oferecer instrumentos para problematizar as formas discursivas que estruturam nossa experiência social. Isto é, uma semiótica que reconhece a dimensão tensiva e passional da vida, que assume o risco de pensar o sensível e o político conjuntamente, entendendo o fazer científico como um ato de responsabilidade diante do mundo.

Ao reunir pesquisas que tratam de temas como racismo, intolerância, educação, manipulação midiática e afetividade, este dossiê demonstra que a semiótica está em movimento, dialogando com correntes críticas contemporâneas — da decolonialidade às epistemologias feministas, dos estudos raciais às análises das tecnologias de comunicação. Esses jovens pesquisadores e pesquisadoras mostram que o fazer semiótico contemporâneo pode ser, antes de tudo, um fazer engajado: um modo de pensar e agir que se compromete com os valores de justiça, diversidade e transformação social.

Em tempos marcados por discursos de ódio, negacionismos e diminuição do espaço democrático, o ato de analisar os sentidos é, ele próprio, um ato de resistência. Os trabalhos aqui reunidos, ao conjugar rigor teórico e sensibilidade crítica, reafirmam que a semiótica, mais do que uma metodologia de análise, envolve uma ética necessária para se refletir sobre a significação em sua dimensão social e política. É justamente nessa encruzilhada entre teoria e compromisso que o fazer semiótico se revela, mais do que nunca, um fazer político.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 58, p. 7-24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- BARROS, D. L. P. de. As fake news e as anomalias. *Verbum*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- BUENO, A. M. O racismo recreativo contra descendentes de asiáticos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 61, n. 1, p. 137-147, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318139563511520210310>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- DEMURU, P. Le mème et le différent. La construction discursive du peuple en politique: notes du cas brésilien. *Acta Semiotica*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 95-106, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/62454>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- FIORIN, J. L. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, J. L. A organização semântica do discurso da extrema-direita. In: MANCINI, R.; BEVIDAS, W.; LOPES, I. C. (org.). *Semiótica: horizontes, perspectivas, debates*. Campinas: Pontes, 2024. p. 51-88.

FULANETI, O. de N. À direita, mas separados pelo Atlântico: análise semiótica dos discursos eleitorais de Jair Bolsonaro e Marie Le Pen. *EntreLetras*, [s. l.], v. 15, n. especial, p. 106-126, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/1927>. Acesso em: 4 mar. 2025.

LANDOWSKI, E. O olhar comprometido. *Galáxia*, n. 2, p. 19-56, 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHWARTZMANN, M. N.; SILVA, L. H. O. da. Romper, desviar, desafiar: reflexões por uma semiótica implicada. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. i-ix, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/203773>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SCHWARTZMANN, M. N. Língua, gênero e diversidade: o que a semiótica tem a ver com isso? *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 258-278, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/203778>. Acesso em: 7 mar. 2025.